

O MURMURIO.

PERIODICO LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

(PROPRIETARIO—A. P. DE S. PEDERNEIRA.)

N.º 9.

MAIO 1.

1856.

A ARCHITECTURA CHRISTAN.

(Con innado do n.º 5.)

IV.

E, todavia, qué queriam qué não queiram os « estucadores » e os « financeiros » dos templos; qué queriam qué não queiram esses hierophantas do seu desappareço e do seu malbaratamento, esses imbosiados histriões da architectura, arvorados de per si proprios em « regeneradores » dos alinhamentos, e em « fomentadores » dos arabescos; — qué elles o queiram, qué elles o não queiram, sempre de feito as casas da oração do crente, sempre estas symphonias architectonicas da sua intima religiosidade, jámais deixarão de ser em todos os tempos os monumentos symbolicos, os padrões allamente admiraveis e admirados, os especimens soberanamente mysteriosos, d'uma verdadeira indestructibilidade cabal!

As moradas, com effeito, ou mansões domiciliarias do homem; as suas estradas ou vias publicas; os armazens da sua industria; as feitorias do seu commercio; os seus fortes ou reparos de guerra; os ancoradouros das suas armadas; os sarcophagos e os mausoleus das suas ossadas; os seus monumentos de gloria ou de triumpho; — tudo quasi, quasi tudo o que o homem outr'ora tivera de maior solidez na « materia, » e de maior multiplicidade nas « fórmãs », tudo quasi ha já desaparecido de todo de por cima de solo! — Mas os templos, porém, esses grandes monumentos symbolicos da religião que os consagrara, e a cujo abrigo mystico se costumaram aggrupar sempre os comêços das cabanas e das choças, dos albergues

e das choupanas, dos tugurios e dos palacios; — eil-os ahi sempre por toda parte, eil-os ahi constantemente áquem e além, conservados maravilhosamente pelo dedo da Providencia, para nos attestarem na sua solidez de sobrevivencia a tudo, qual a vera importancia social da mão que os erigira, e qual a vera firmeza de fé na cabeça que os concedeera!

Signaes silenciosos da crença que do alto illuminára o homem, quando o homem se alembra de a poetisar nos cantos plasticos do cinzel, eis-ahi sempre os templos — profusamente esparsos desde o septemtrião ao meiodia, e desde o nascente ao occaso do sol — a servirem aos homens de pharoes indeleveis na longa historia das phases da esthetica: — a servirem-lhes demysteriosos conductores electricos da oração, de magicos signaes milliares, na sciencia colossal da architectura religiosa!

Eil-os ahi sempre a sobresahirem mesmo aos edificios os mais altaneiros que os circumdam; — eil-os ahi a annunciarem sempre do alto as povoações ao longe, arvorados em atalaias monumentaes dos seculos que os viram nascer; — eil-os ahi a dilucidarem sempre os pontos mais curiosos da vida social dos povos que symbolisam, como outros tantos documentos paleographicos da maior importancia architectonica, como outros tantos documentos plasticos dos problemas os mais mysteriosos da « theoretica » e da « technitica » das construcções!

E certo que otemplos são tam grandiosos e tam sublimes productos da arte, como são grandiosos e sublimes os decretos providenciaes do Eterno que os conservára, fazendo-os sobreviver mysteriosamente aos povos que

os elevaram, e ás crenças religiosas que os fizeram construir:— sobrevida esta tanto mais sublime, quanto o Eterno lhes ha conservado a sua existencia a travez das «destruições inevitaveis» da fouce do tempo, e a travez, sobre tudo ainda, das «destruições aliás bem evitaveis» da mão do homem, destruições mais impetuosas e mais assoladoras, «nas suas correntes economicas e reformadoras», que os impetos assoladores do 'tramontana' do Delphinado, do 'mistral' da Provença e do Languedoc, do 'sirocco' do mediterraneo, do 'harmatan' de Gainé do 'camsin' do Egypto, o 'simum' do Deserto!!!

V.

Na historia dos templos, com effeito, é onde o genio archeologico, é onde o espirito prescrutador do passado, achará sempre os fachoos mais luminosos da vida intima das nações, das suas sciencias e das suas artes, dos seus usos e dos seus costumes, do seu sentir e do seu pensar!

A vida do individuo, e a vida da sociedade por consequencia, é o panorama synthetico da lucta continua do Ormuzd e do Ahriman da existencia; do digladiar constante do nosso principio celeste, e do nosso principio terrestre; do debater interrupto da nossa intellectualidade, e da nossa corporealidade; da lucta incessante da nossa alma e do nosso corpo, n'essa mysteriosa influenciação mutua do seu sêr, a qual lhes ha sido prescripta do alto, pela insondavel sabedoria do Eterno!

O homem, mysteriosa fôrça livre e intelligente, pôde conhecer o bem pela intellectualidade, e pôde evitar o mal pela liberdade.— Se o homem acaso, á similhaça do Sisypho mythologico, houvesse de viver accurvado cegamente á execuçaõ fatal do instincto da paixãõ; perderia de certo o homem a mais grandiosa de suas prerogativas varonis, a sublimissima faculdade da liberdade de suas acções, o seu inappreciavel poderio augusto do eu! — E se o homem porventura, á similhaça do fabuloso supplicio de Tantalos, houvesse de viver condemnado por fôrça ao conhecimento compa-

rativo do bem e do mal, sem nunca jámais poder vir a optar pela posse d'um e pela abstençaõ do outro; não gosaria de certo o homem da mais sublime de suas regalias hominaes, da divinissima faculdade da intelligencia do 'verdadeiro' e do 'falso' do 'bem' e do 'mal', do 'justo' e do 'injusto', para cujos respectivos conhecimentos existem até creadas maravilhosamente a «logica ou philosophia racional», a «ethica ou philosophia moral», e o «direito natural ou philosophia juridica»!

E', porem, n'esta lucta acirradissima do «conhecer e do querer», travada entre a intelligencia e a liberdade no campo da vida, que o grande «rei da creação» faz triumphar ou faz succumbir o seu livre arbitrio, tornando-se então digno ou indigno, por suas ideias e por suas acções, d'haver sido formado no campo damasceno á similhaça de Deus!

(Continúa)

J. J. da Silva Pereira-Caldas.

DUAS PALAVRAS SOBRE GALLICISMOS.

Gloria, gratidão e amor aos que, por si e pelos outros, procurarem repor a nossa lingua — e mais poderosa e senhoril — no throno donde rebeldias de mandriões affrontosamente a derubaram.

A. F. De Castilho.

Continuado do n.º 7.

II.

Presentemente temos alguns escriptores muito aprimorados, e que, sem affectarem de nimiamente puristas, escrevem todavia com um gosto puro, respeitando a castidade da lingua-gem. Dir-se ha porisso que estamos livres de pragas dos gallicismos? Bom seria poder affirmar-lo, mas infelizmente só o poderá fazer quem não lêr o que por ahí se escreve todos os dias.

Ha muito que um nosso erudito escrevia: «E' indisivel o que se tem accumulado de francezas não só em traducções portuguezas, mas até em obras de varios generos; de forma que mais necessita a mocidade portugueza hoje de dictionario francez para entender os livros da

lingua materna, do que do dicionario da mesma lingua (1) ». Mais perto de nós, já depois dos generosos esforços de Francisco Manoel e S. Luiz em favor da pureza da lingua, um escriptor se queixava ainda de que a licção dos livros francezes pozera em esquecimento os nacionaes, e que pela falta de conversar estes, se iam entre nós encurtando e empobrecendo as formas e elementos do discurso á imitação do que são em francez (2). Tudo isto o podemos nós dizer tambem no dia de hoje. Creio eu que são reduzidos entre o geral dos escriptores, entre aquelles pelo menos que possuem dois dedos de consciencia litteraria, esses termos hybridos, essas palavras intrusas do francez, que se podem chamar gallicismos propriamente ditos, taes como *ressurça*, *entrave* etc. Pelo que toca porem ao geito de compôr o discurso, de ordenar as partes da oração e os membros do periodo, tenho para mim que hoje, mais que nunca, se tem tornado afrancezado na grande multidão de litteratos improvisados, carecidos de sciencia e de bom gosto, e muitas vezes de bom juizo, que por ali nos opprimem com producções impensadas, mil vezes peiores que os tão escarnecidos escriptos didascalios dos escolasticos da idade media.

Apparecem em primeira linha os romances, sobretudo os traduzidos do francez, como prova da corrupção da linguagem com francezas ainda hoje.

O romance não é um genero de litteratura, por assim dizer, caracteristico do seculo em que vivemos; é uma das feições litterarias desta epocha, que sobre todas se pode chamar a epocha das letras, por quão cultivadas são, se bem que geralmente sem judicioso estudo nem gosto apurado. A outros, que não a mim, cumpre estudar este facto, que não é dos menos importantes para a apreciação historica do seculo XIX, no seu valor religioso e politico sobretudo. Eu só direi, de caminho, que, segundo me parece, o romance immoral, febril, nascido das paixões estuantes

da carne, e da imaginação entregue aos seus desvarios fora de toda a direcção racional; o romance assim — (como são quasi todos, pois que os bons não passem de excepção insignificante) — é filho da philosophia materialista do seculo passado, já transvasada, se quizerem, no scepticismo religioso do presente, e envolto nas leviandades litterarias da escola que por isso se chamou *romantica*. Assim que, para mim é fora de duvida, que os romances (3) d'hoje hão de ser avaliados no futuro como indicio ou manifestação de immoralidade e descrença, no tocante á religião, e como depravação do gosto, como degradação e fatuidade (permitta-se-me o termo) das letras, na sua significação litteraria. O certo, e bem desgraçadamente certo, é que os romances, de preferencia a todos os mais escriptos, tem uma extracção, embora momentanea, prodigiosamente larga; são devorados por todos: o artista, a donzella retirada, o lurguez que não abriira, por quanto ha, qualquer outro livro. perde nestes o comer e o somno; o estudante deixa os compendios para os ler — e muitos litteratos, da classe dos folhetinistas e quejandos, por elles é que principiam a sua instrucção e ás vezes com elles acabam a sua carreira litteraria. Não me admira isto.

A litteratura, considerada em relação ao individuo, é a expressão do coração; o romance (4) é a parte que corresponde ao appetite sensual (5), e como este, com differen-

(3) Falto sempre dos romances estragados: o romance como genero de litteratura, considerado em si, é de muito valor; e producções tem apparecido d'este genero, que alcançaram para os auctores um nome perduravel nos fastos da litteratura. A escola romantica tem sua significação e importancia; mas é necessario considera-la quasi sempre como romantica na accepção genuina da palavra.

(4) Veja-se a nota antecedente.

(5) A alguns será preciso que eu advirta que *appetite sensual* não significa aqui *vicio da carne*, que é a sua manifestação ultima e mais grosseira. — Os antigos mysticos, conhecedores como eram da natureza humana, distinguiram na alma uma parte superior e outra inferior: a parte superior alumiada, sempre pela razão e pela fé, toda se refere ao dever, e sustenta-nos em harmonia inalteravel com Deus; a parte inferior é a *lei dos membros luctando com a lei*

(1) ENSAIO CRITICO por A. das Neves Pereira — Tomo IV das Mem. de Litt. da A. R. das Sc. pag. 416.

(2) PANORAMA, vol. 1.º pag. 52.

ça das outras inclinações e tenências, tem uma força fatal, coza, a que o homem só mui difficilmente e ajudado do alto pode resistir; egualmente o romance, que de mais a mais, nos seluz com o attractivo do mysterioso e das situações dramaticas, não pode deixar de nos arrastar para as suas paginas, e de nos aguçar vivamente a curiosidade, quando o espirito e o coração não se acham fortalecidos por meio d'uma educação solida, profundamente philosophica e religioza.

Em Portugal não tem havido muitos romancistas, nem são dos peiores; mas os especuladores, os mercantes das letras, nova classe social d'hoje em dia, que cá temos entre nós tambem, porque é de todas as nações, deram-se logo pressa em passar para vernaculo (dizem elles) os romances francezes, escolhendo sempre entre os mais desmoralisadores, suppondo — e não sem razão, por desgraça! — que estes seriam mais comprados.

Não foi porem só da moralidade, da innocencia dos costumes e da pureza dos sentimentos, que se não fez caso, isso não vale para tal gente uma pequena letra de cambio: desprezou-se egualmente a lingua materna, por que o zelo das letras patrias tambem não é coisa que dê dinheiro — e empregaram-se então nas traducções os esfaimados aprendizes de litteratos, dando-lhes a 5 rs. por folha. Assim temos sido ieundados, assim o somos ainda hoje, de traducções corruptoras da pureza da lingua. — Uma traducção é coisa mui difficil, e que, sendo bem feita, pode dar nome a um escriptor. Creio até que pelo que diz respeito ao estylo e á phraze é mais ardua empreza que uma obra original. Com effeito para traduzir, nada menos é mister que conhecer a fundo as duas linguas, de que se compõe a traducção; devendo-se ter estudado e comparado os seus genios e mysterios, e demercado bem todas as suas differenças. Começam muitos a sua

do espirito; é este pezo que nos inclina para a terra, estas sombras que nos não deixam olhar lito para o ceo, este espirito de vaidade, de amor proprio e de orgulho que nos torna, desses de nós mesmos; é a concupiscencia que nos ficou do peccado original. Esta parte inferior é a que eu chamo aqui appetite sensual.

carreira litteraria, traduzindo: erro ou illusão manifesta! A traducção devia ser o ultimo trabalho d'um escriptor, já bem possuido da sua lingua, e capaz de a não deshonrar ao por-se em contacto e tractamento com outra estranha. Ninguem acredita isto, com sêr mui evidente e comprovado; e por isso ali temos mil romances, e ainda obras, que, sem embargo de se dizerem vertidas em linguagem portugueza, deixam ver continuos laivos de francezias. Por muito que os escriptos originaes saiam afrancezados depois se seus auctores, ainda inexperientes e bisonhos, foram corromper-se no perigoso trabalho de traduzir francez sem saber portuguez.!

Continúa.

PRECIOSAS RIQUESAS QUE EXISTEM NO INTERINO
DEPOZITO DA BIBLIOTHECA DE BRAGA.

Continuado do n.º 8.

LITTERATURA

Poetas Portuguezes, antigos, modernos e modernissimos que poetisaram na lingua patria.

Afonso de Alcalá y Herrera. — Anonymo (cultos etc.) — Anonymo (Nova Osmia) — Antonio Cardoso de Vasconcellos e Menezes. — Camillo Castello Branco. — Faustino Xavier de Novaes. — Francisco M. G. da Silva Malhão. — Francisco de Mattos e Sá. — Francisco Manoel de Oliveira. — Francisco de Pina e Mello. — D. Francisco Xavier de Menezes. — João Evangelista de Moraes Sarmiento. — João Vaz. — João Xavier de Mattos. — José Anastacio da Costa e Sá. — Fr. José de S. Rita Durão. — Fr. Manoel das Chagas. — Manoel de Faria e Sousa. Manoel Ignacio da Silva Alvarenga. — Manoel José Correa Alvarenga. — Manoel Mendes de Barbuda. — Manoel Simões Barruncho. — Pedro d'Azevedo Tejal. — Theodoro d'Almeida. Thomaz Pinto Brandão — Troillo de Vasconcellos da Cunha. — Vicente Carlos de Oliveira. Vicente Gusmão Soares. — (28)

POETAS PORTUGUEZES, QUE POETARAM EM
LINGUAS ESTRANGEIRAS.

EM HEBRAICO, EM GREGO, EM ARABICO,

Fr. Gregorio José Viegas. — Fr. Marcellino José da Silva. — Fr. Vicente Ferreira. (3)

EM LATIM.

Afonso d'Alcalá y Herrera. — Antonius de Cabedo. — Antonius Figueira Duram. — Antonius dos Reys. — Bartholomæus Pereira. — Di-

Jacus Mendes de Vasconcellos. — Didacus de Paiva d'Andrade. — Emmanuel de Abrantes. — Emmanuel de Azevedo. — Emmanuel da Costa. — Franciscus de Barcellos. — Fr. Franciscus de Macedo. — Franciscus de Mendoga. — Gaspar Pinto Correa. — Hermicus Cayado. — Hyeronimus Valia. — Jacobus Tevius. — Joannes de Mello de Sousa. — P. José de Anchieta. — D. Josephus Barbosa. — Lucius Andraeas Resendius. — Ludovicus Caetano de Lima. — Ludovicus Crucius. — Fr. Ludovicus de Sousa. — Michael de Cabedo. — Michael Pinto de Sousa. — Petrus Sancius. — Petrus Serram. — D. Fr. Thomé de Faria. (29)

EM CASTELHANO.

Affonso d'Alcala y Herrera. — Affonso de Barros. — Antonio Henriques Gomes. — Antonio Lopes da Veiga. — D. Bernarda Ferreira de Lacerda. — Francisco Botelho de Moraes. — D. Francisco Manoel de Mello. — Gregorio Sylvestre. — O Infante D. Pedro. — D. Joanna Josefa de Menezes. — Jorge de Moatemayor. — Manoel de Faria y Sosa. — Manoel Fernandes Baya. — Manoel de Galbegos. — D. Manoel de Portugal. — Manoel das Povoas. — Manoel Thomaz. — Soror Maria do Ceo. — Fr. Paulino da Estrella. — Paulo Gonsalves de Andrade. — (20)

PORTUGUEZES QUE, JÁ EM PROSA, JÁ EM VERSO
TRADUZIRAM OU IMITARAM EM PORTUGUEZ
POEMAS ESTRANGEIR OS.

POEMAS LATINOS.

Anonymo. — Traduziu as obras d'Horacio. — Antonio Feliciano de Castilho. — Traduziu os 5 primeiros livros das Metamorphoses de Ovidio. — Francisco José Freire. — Traduziu a Arte Poetica de Horacio. — Gaspar Pinto Correa. — Traduziu os primeiros 6 livros da Eneida. — Jeronymo Soares Barbosa. — Traduziu a Poetica d'Horacio. — João Mendes da Fonseca. — Traduziu as Satyras de Persio. — João de Sousa Caria. — Traduziu o Enthusiasmo, e os Epigrammas do P. Antonio dos Reys. — Leonel da Costa. — Traduziu os Eclogas e georgicas de Virgilio. — Manoel Maria Barboza du Bocage. — Traduziu algum. Metam. d'Ovidio. — Mathias Viegas da Sylva. — Traduziu os 5 livros dos Tristes d'Ovidio. (10)

POEMAS MODERNOS, DE DIVERSAS LINGUAS VIVAS.

F. G. D. F. B. C. — Traduziu o poema d'Arminio do Barão Schonaich. — Francisco Manoel de Oliveira. Traduziu as *Poesias Orientaes* de G. Jones. — João Evangelista de Moraes Sarmiento. Traduziu o *Rhadamisto* de Crebillon. — Fr. João de N. Snr.º da Graça. Traduziu as *Noites Clementinas* de D. Jorge Berto-

la. — Joaquim José da Costa e Sá. Traduziu o *Heroismo da Amizade*, de Mr. Bruté. — J. A. C. Traduziu a *Noiva de luto*, de Congreve. — José Amaro da Silva. Traduziu o *Paraiço Perdido*, de Milton; mas não do original. — José Anastacio da Costa e Sá. Traduziu o poema da *Religião*, de Racine. — José Gomes Monteiro. Collector de bellissimas peças de poesia Allemã, que traduziu em mimosos versos, e a que deu o nome de *Lyra Teutonica*. — José Monoel Ribeiro Pereira. Traduziu *Noites Selectas*, de Young. M. Rodrigues da S. A. Traduziu em verso a prosa do *Eliezer*, de Florian; e a *Balata de Goldsmite*, que vem no Cap. 8 do seu *Vicar of Wakefield*. — Manoel de Sousa. Traduziu o *Tartufo* Comedia de Moliere; e o *Telemaco*, de Fenelon. Miguel Tiberio Pedegache. Traduziu o poema da *Arte da Guerra*, de Frederico 2.º (13)

AUCTORES DE MEMORIAS, E OUTROS ESCRIPTOS CONCERNENTES Á LITTERATURA PORTUGUEZA
PROPRIAMENTE DICTA.

Antonio d'Almeida. — Antonio d'Araujo d'Azevedo. — Antonio Caetano do Amaral. — Antonio das Neves Pereira. — Antonio Pereira de Figueiredo. — Antonio Ribeiro dos Santos. — Antonio da Visitação Freire. — Constantino Botelho de Lacerda. — Felix de Avellar Brotero. — Fr. Fortunato de S. Boaventura. — D. Francisco Alexandre Lobo. — Francisco de Borja Garção Stockler. — Francisco Dias Gomes. — Fr. Francisco Freire de Carvalho. — D. Fr. Francisco de S. Luiz. — Francisco Manoel Trigoso. — Francisco Xavier Ribeiro de S. Paio. — João da Cunha Neves e Carvalho Portugal. — João Pedro Ribeiro. — Fr. João de Sousa. — Fr. Joaquim de Santo Agostinho. — Joaquim Forjaz. — Joaquim de Foyos. — Joaquim José da Costa de Macedo. — Joaquim José Ferreira Gordo. — José Anastacio de Figueiredo. — Fr. José de Santo Antonio Moura. — José Antonio de Sá. — José Bonifacio d'Andrade. — José Diogo Mascarenhas Neto. — José Joaquim Soares de Barros. — D. José Maria de Sousa. — José Verissimo Alvares da Silva. — Manoel José Maria da Costa e Sá. — Sebastião Francisco de Mendo Trigoso. — Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal. — Vicente José Ferreira Cardoso. (37) Continúa

© ESTUDANTE.

COUSA QUE PARECE ROMANCE.

(Continuado do n.º 7.)

III.

O estudante, sahira fino, como o *extremo superior do orificio capillar*, e esperto como um alho do S. João.

No fim de dous mezes e meio, engulira toda a volumosa arte do Gomes de Moura, e vomitava paginas inteiras d'aquelles malditos *preteritos*, que tantas carregações de palmatoadas me arranjaram para estas pobres mãos: bem que ainda hoje me não atreva a amaldiçoal-os, porque lá estão com elles volvidas bonitas cousas que não tornam. Ai, saudades d'uma sabbatina de linguagens, recebi uma lagrima sincera, em penhor da affeição pura que vos dedico.

Havia oito mezes, que o senhor padre Manoel, como já a conscienciosa patrôa lhe chamava, habitava um quarto, negro como uma chaminé, d'uma das cazas escolasticas da rua das *Palhotas*; notando, que já no oitavo mez Ignacio Lumieira desembolsara um quarto, para a compra do livro de hexametros, que o Mantuano escreveu para adorno do braço esquerdo d'um estudante de latim. A' vista disto, bem se depreheende o serio respeito, que o representante da casa do Tinente, tributava aos escriptores em prosa e verso da patria de Horacio Coeles.

Nove horas (quasi tanto como Sir Mathew Hab) d'aturado estudo sobre os *lologriphos* d'um *magnum lexicon*, deram-lhe em resultado a saliencia das arterias frontaes, a tal ponto, que qualquer (que não seja eu, porque o conheci serejeira) que se incumbisse de o daguerreotypar litterariamente, poderia, sem fazer grandes fignas aos trabalhos de *Lavatter* e *Gall*, chamar-lhe: =intelligencia nervosa, cultivada por um estudo de ferro; vocação pronunciada para as letras, e tudo que por ventura lhe lembrasse de encomiador, lisonjeiro, e mesmo massador.

O dia dezenove de junho veio suspender as hostilidades entre a cabeça e o livro: o tempo para o descanso era chegado: depois d'um horizonte entenebrecido por oito mezes de continuo ir e vir da aula, appareceu afinal o luso seiro esperançoso, que vinha trazer ao coração do nosso estudante a promessa de melhor vida e o premio de seus trabalhos: sem mais refflhos, as ferias grandes chegaram.

O nosso estudante, que era todo um constante ancizar de saudades pelo pae e mae; uma locomotiva a vapor de suspiros por suas duas irmãs, e uma hydropesia de desejos pelas impressões doces e *verdes* da sua terra natal, não perdeu um instante só de communicar tan agradavel noticia. Dobrou papel, rascunhou duas vezes, por isso que queria mostrar a toda a freguesia os seus progressos litterarios, athe que por ultimo escreveu ao pae a carta que se segue:

Meu caro pater-familias.

Minerva, remette-me aos deuses penates, para saborear repleto de gaudio, as beatificas treguas que a filha do cerebro do maior dos deuses, legon aos milites varonis nas justas dos caracteres. A avenida pechosa que me deve

transportar a essa manção agricola, nunca será trilhada pelas plantas maninelas de quem então as inspirações do Lacio.

Quiz o heroe da Mancha buscar aventuras cupidicas e bellicas pelo orbe terraqueo, e para isso agregou á sua companhia, a Rocinante, porque comprehendeu que sem elle jamais enristaria a adaga, para amputar elos magicos, prezos ao almiscarado cordis da tetrica Dulcinea: assim eu filho de Pallenis me reputaria feliz se algum onagro sevilhano declarado Pegaso, me arrebatasse no seu galopar electrico, athe aos humbraes do meu receptaculo domestico.

P. S.

Sua particula da alma e amatoriamente obrigado.

A cavalgadura poderá estar aqui no dia 22 do que declina.

Manoel da Silva.

Esta carta que corria parelhas com o — paçadigo cubico na ilha do Pico — chegou ao seu destino.

O bom d'Ignacio Lumieira, abriu-a e começou a soletrar. Era custoso, e muito mais a quem padecesse dos nervos, ver o modo como elle estrebuxava no meio da combinação das syllabas! O pobre do homem dependurava-se com tal modo de cada palavra, que faria arripiar os cabellos ao maior cynico. Depois de muitos botes da intelligencia com os desparates da carta, o pae veio a descobrir aninhada de baixo de cada palavra, a vibora que lhe ia corroer a fibra mais sensivel da alma! Coitado! funegava de raiva e ciumes: era todo uma fornalha do inferno! O rapaz declarava-se na carta filho de Pallenis!! Era a primeira vez na vida, que Ignacio Lumieira duvidara da fidelidade conjugal da sua Benta da Maternidade. Felizmente para o bom marido, nunca elle tivera noticia d'algum homem chamado Pallenis. O lavrador chamou pela sua companheira, que sem demora correu donde estava, athe ao quarto da varanda, onde o galão do esposo ia arvorar-se em tyranno d'aquella tragedia burlesca:

— Vencé, disse elle, carregando a sobran-celha, grisalha pelos janceiros, conheceu algum homem chamado "Pa... nellis?!

— Pallenis?! repetiu a santa Benta torcendo umas das pontas do avental.

Sim, senhora... Pallenis...

É a primeira vez, que ouço fallar n'um nome tam afidalgado: — disse a consorte, que tam longe estava do que se passava no afflicto coração de seu marido.

— Pois bem, escuite o que diz... lá o seu filho: — eu filho de Pal... lenis... então, que quer isto dizer? vamos, diga depressa. A infeliz veio a conhecer o azedome d'aquellas palavras, e o ficticio alvo d'aquelles tiros, e prin-

ecipou a deixar calir sobre a caputilha azul
lagrimas como punhos: aquellas frisantes pala-
bras feriram mortalmente o seu timbre e sus-
ceptibilidade conjugal:

= Isso não são cousas que se digam á mi-
nha pessoa! poucas moças havia na freguesia cá
da minha aquella. Você, bem sabia quem me
pretendia para a egreja; e a não ser o Francisco
das Latinhas, aquelle que depois foi para fra-
de, ninguem m'ouviu uma palavra d' affecto: —
e a pobre mulher amarguradamente chorava,
um chorar que se não finge. Cada lagrima que
lhe saltava dos olhos, era uma justificação mu-
da, um abono á sua virtude.

E tudo quanto ella dissera tinha sido ver-
dade. O unico rival que tivera o senhor Igua-
cio nas suas aspirações ao matrimonio só hou-
vera sido o tal meliante das Latinhas. Nunca
Benta da Maternidade desfechara um sorriso
esperançozo, que este não fosse todo inteirinho
gravar-se bem fundo no peito de Lumieira.
Era um *exercício*, particular da morgada do
Tinente: nem todos os corações lhe serviam
d'alvo aos seus tiros amatorios. Por isto fica-
vam todos os mancebos d'aquelle tempo.

= Pois está bô. . . escusa de choramingar.
que d'aquí ás indoenças, ainda vae uma tem-
porada. Domingo, no fim da missa do dia, é
que o Domingos Fiusa ha-de descaretar esta
historia do mafarrico.

A desgraçada Benta, retirando-se do quar-
to, pallida e convulsa, como se o mais afama-
do *corpo aberto*, mysteriozamente lhe commu-
nicasse que cincoenta almas de seus passados
lhe pediam suffragios; caminhava authoma-
ticamente, promettendo á santa dos impossí-
veis o melhor dos seus cordoens d'ouro e azei-
te para uma alampeda do altar da mesma santa,
em quanto fossem vivos os *cabeciras* do logar
do tinente.

Santa Rita, não podia deixar de faser o
milagre; se é milagre descobrir e apresentar a
verdade em toda a sua plenitude. No seculo
em que vivemos, por certo que sim. O silen-
cio da santa nestas alturas, era a prova mais
convincente do labeu d'aquelle mulher, tam-
temente a Deus, como amiga de seu marido.

Eis, toda a tãa que havia ordido com a
sua carta o pardacento grammatico!

(Continúa.)

F. CASTIÇO.

A PAZ.

I

Salve, aurora da paz, tres vezes salve!!...
De lá do Oriente como vens donosa,
E cheia de fulgor, lançando ao mundo
Fulgido raio!!..

Surge, aurora da paz, surge risonha!!...
Suspirava por ti a Europa, o mundo...
A Europa ha muito, a quem ha muito envolve
Funebre crepe!!...

Vem, e estende o teu purpureo manto
Sobre esses campos de cruéis batalhas
Que cheios de terror, ha pouco viram
Lugubres scenas!!...

E d'ora avante duradoura sempre,
Não torne a lucta a pertender roubar-nos
Os beneficios mil que tu ao mundo
Prodiga mandas.

Esse monstro voraz, da guerra o açoute,
Cesse de flagellar a humanidade;
As bocas dos canhões não annunciem
Horridas brigas.

Seja a aurora da paz da guerra o termo;
A sua rouca voz não mais s'escute:
E de flagello tal, que o mundo opprime,
Risque-se o nome!....

II

Cessem as luctas na terra,
Nunca mais o mal da guerra
Traga ao mundo luto e dó;
Não hajam mais inimigos,
Sejamos todos amigos,
Sejamos um povo só.

Qual será da guerra o fructo?...
O mundo cobrir de luto,
No luto dar-nos a dôr!
N'um dia roubar mil vidas,
Sem proveito algum perdidas,
Perdidas no seu furor!!

Não vês o rosto da esposa,
Murchas as faces de rosa
Do pranto que derramou?...
Aquelle pranto vertido
Chorou e chora o marido,
Que lá na guerra ficou!..

Não vês um velho curvado,
Os tristes netos ao lado,
Que solta do peito um ai?...
Aquelle ai, aquelle espelho
Diz que falta o filho ao velho,
Que falta aos netos o pai!..

Não daremos nós ouvidos
A' voz d'aquelles gemidos,
A convidar-nos á paz?...
A'quelle pranto, que chora,
Que tantas perdas deplora,
Os bens que a lucta nos traz?!..

Dênos, sim; e cá na terra
 Nunca mais o mal da guerra
 Traga ao mundo luto e dó;
 Não hajam mais inimigos,
 Sejamos todos amigos,
 Sejamos um povo só.

III

Passa o furor das batalhas,
 E o guerreiro que venceu,
 Soberbo ostenta as mortalhas,
 Glorias que a lucta lhe deu;
 Mas em paga d'essas glorias,
 A troco d'essas victorias,
 Quanto luto! ... quanta dôr! ...
 Que prantos não são vertidos,
 Que vão tornar resequidos
 Os louros do vencedor!! ...

E os louros ficam manchados,
 Perdido o valor que tem;
 Uns louros assim ganhados
 Não os deseje ninguém:
 Pois hão-de os póvos á sorte
 Do rigor da lei da morte
 Ir as injurias vingar,
 A's vezes na cruz unidos,
 Na lei do Christo nascidos,
 Lei que manda perdoar? ...

Qu'importa que não sejamos
 Unidos na mesma fé,
 Se a creença que professamos
 A creença d'outros não é?...
 Qu'importa a côr das bandeiras,
 Côr que destingue as fileiras?...
 São tudo prejuizos vão.
 N'este mundo desterrados,
 Nós do mesmo pai gerados,
 Não somos todos irmãos!

Somos, sim, e já da guerra
 Não mais tremule o pendão,
 Por toda a face da terra
 Não troe mais o canhão;
 Da paz saudemos a aurora,
 Que venha pôr termo agora
 Da guerra a tão grande mal:
 Os que tem sido inimigos
 Agora tornem-se amigos
 N'um abraço fraternal.

IV

Salve, aurora da paz! tres vezes salve!!
 Qu'eu já te vejo despontar além!
 Surge, aurora da paz, risonha e bella!
 Por quem o mundo suspirado tem! ..

Já cansados da lucta, os contendores
 Ha muito estavam a esperar por ti,
 Longe da patria a saudade amarga
 De tanta ausencia deplorando allí!

Agora a esposa já enleia os braços,
 No caro esposo, que julgou perder;
 O pae c'os netos já não chora o filho
 Que não pensava de tornar a ver.

A Europa, e o mundo, que soffrido tanto
 Tem dos estragos d'esse mal voraz,
 Agora, em jubilo, em prazer immenso,
 O mundo inteiro pronuncia — A Paz!!!

Braga 10 d'Abril de 1856.

J. J. de Almeida Braga

Explicação da charada do numero 7.
 —GERALDO.—

CHARADA.

- 1 { Bem que proximo de sol,
 { Seus raios nunca senti:
 1 { E nada indica de certo
 { Quem «só» se serve de mi.

Fui fatal em Palestina
 A'quelles que m'emprehenderam,
 E que a vida, a liberdade,
 Por tal facto allí perderam.

Assim me manda que faça
 A Sancta Lei do meu Deus;
 E quando bem a pratique
 Terei cabida nos Ceus.

CONCEITO.

Nas azas do amor, nas d'amisade
 Voamos do prazer ao aureo cume;
 Mas de lá nos arroja, desgraçados!
 Teu insano poder, nefando Nume. . .

A. P. d'Araujo.

EXPEDIENTE.

O ill.^{mo} snr. doutor Joaquim Januario de Sousa Torres e Almeida, retirou-se da redacção deste jornal, por motivos que ao publico não interessa saber.

Roga-se aos snes. assignantes deste jornal queiram mandar quanto antes satisfazer as suas assignaturas.

O escriptorio do *Murmurio* mudou-se para a rua do Anjo, n.º 7, onde se achia aberto, todos os dias não sanctificados, desde as 9 horas da manha até ao meio dia.